

5

A abordagem dos pronomes e das formas de tratamento nos materiais didáticos e nas salas de aula de PE

Para Almeida Filho (1994), o livro didático assume o papel de catalizador de experiências, sendo, na maioria das vezes, a única fonte de língua estrangeira disponível. Ele afirma ainda que isso poderia empobrecer o processo de ensino/aprendizagem se fosse considerado como única fonte de insumo, principalmente quando é o próprio aluno quem está buscando essa fonte:

P3C: *Não, eu ouço eu ouço nem todo mundo, mas eu ouço as pessoas falando “tu”, eu entendo, mas ainda... estamos aprendendo isso, eu fico com tudo o que os livros estão falando pra mim, não sei porque. Eu acho que é bonito ainda, porque “tu” “tu” é mais informal, mas entre pessoas, mas eu não uso.*

Entrev.: *E você utiliza algum material didático especialmente criado para trabalhar os pronomes e as formas de tratamento ou não?*

Pr5: *Não, não. O que é apresentado no livro é apresentado de uma forma clara eh.: eu não criei nenhum outro material especial para isso.*

Ao analisarmos os livros didáticos já mencionados, percebemos que alguns deles promovem um certo distanciamento entre o que está sendo apresentado com textos e a realidade que o aluno está vivenciando no dia a dia. Acreditando que esse aluno não é capaz de refletir por não ter domínio da língua, esses livros didáticos repetem expressões e treinam a gramática.

A abordagem gramatical ignora a comunicação e a variação social, enfocando a língua escrita. São produzidos exercícios de tradução, compreensão de textos, bem como a abordagem de leitura, e listas com vocabulários. Como não trabalha o uso da língua, essa abordagem só tem êxito com aprendizes que possuam como objetivo uma língua instrumental.

“A gramática é, para nós, um instrumento que ajuda o aluno a se comunicar” (*Fala Brasil*, apresentação). O livro tenta abordar os diferentes contextos de uso da língua, como o bar, a padaria, a rua e a escola, mas o grau de formalidade usado nos diálogos é alto, não correspondendo a nossa realidade. A apresentação

dos pronomes de tratamento é feita ignorando o uso do *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa, sequer como uma informação de que a forma pode ser encontrada. Na página 4 afirmam que: “*Tu* é usado apenas em algumas regiões do país. *Você* pode ser usado em todo o Brasil”. Que regiões são essas? O livro não deixa claro.

Outra lacuna deixada pelo livro é o caso das misturas pronominais no uso dos pronomes possessivos de segunda e terceira pessoas. Explica-se que *teu* e *tua* são correspondentes de *tu* e *seu* e *sua* são correspondentes de *você* (p. 10). O que fazer dos enunciados produzidos oralmente, em que os nativos usam o *você* com o pronome possessivo *teu* ou *tua*, por exemplo?

A abordagem áudio-oral (ou estrutural) caracteriza-se por enfatizar a conversação, atentando para a pronúncia. Para isso, estruturas são treinadas para que o aprendiz possa usá-las automaticamente, visto que a língua é considerada um conjunto de hábitos (behaviorismo). Não há muitas discussões sobre regras gramaticais, pois a premissa é ensinar a língua e não sobre ela. O grande problema, muitas vezes encontrado em livros didáticos estruturalistas, é que os exercícios de repetição são pautados em uma gramática tradicional, não correspondendo ao nosso cotidiano. Além do mais, torna-se cansativo repetir a mesma estrutura inúmeras vezes.

Essa abordagem é encontrada no livro *Falar... Ler... Escrever...* “Trata-se de um livro elaborado com a intenção de proporcionar a um público estrangeiro um método ativo, situacional para a aprendizagem da língua portuguesa, visando a compreensão e expressão oral e escrita em nível da linguagem coloquial correta” (introdução). O que as autoras estariam considerando como correta na linguagem coloquial? O livro apresenta os Pronomes Pessoais no primeiro capítulo (p. 5), quando aborda o modo indicativo e o presente dos verbos ser, estar e morar.

Na página 78, há dois textos: um chamado “Linguagem popular” (língua falada) e o outro chamado “Linguagem correta” (língua escrita), como podemos ver a seguir:

Linguagem popular	Linguagem correta
<p>_ Chico, tem muita gravata bonita nesta loja. Você não qué comprá prá usá lá no escritório? Não tá caro, não.</p>	<p>_ Francisco, há muitas gravatas bonitas nesta loja. Você não quer comprar uma para usá-la no escritório? Não está caro, não.</p>
<p>_ Vou comprá, Zé, mas é prá mostrá pros amigo no baile do sábado.</p>	<p>_ Vou comprá-la, José, mas é para mostrá-la para os amigos no baile do sábado.</p>

_ Você vai no baile? _ Claro, Zé! Você também não vai?	_ Você vai ao baile? _ Claro, José! Você também não vai?
---	---

Ao apresentar esses textos, não é feita nenhuma distinção entre língua falada e língua escrita, ou seja, ignora-se a comunicação autêntica falada e a variação social da língua em contexto de uso. Não é feito um trabalho com as formas de tratamento presentes nos textos. Como afirma Mendes (2000):

Promove-se, dessa forma, um distanciamento entre o trabalho com textos e a realidade do aluno. De acordo com a nossa experiência, constatamos que essa situação não se resume apenas às atividades de leitura, mas permeia todas as atividades e tarefas, independentemente do seu objetivo específico. O material já está pronto – seus caminhos já estão bem delineados – cabe ao professor mostrá-los e os alunos segui-los. Não há encruzilhadas ou linhas paralelas, mas caminhos únicos. (p. 7)

Quando questionado sobre a diferença entre o que o livro apresenta e a realidade da língua durante a interação social, o aluno respondeu:

P3E: *Tem, porque no livro é português muito formal, muito antigo e não tem muito a ver com a realidade falada.*

Widdowson (1991), com a abordagem comunicativa, nega a descrição da língua no ensino/aprendizagem, fazendo uma crítica aos exercícios mecânicos de repetição, isto é, o método áudio-oral (estruturalista). O principal objetivo deste método é descrever o que se faz através da língua, considerando sua função comunicativa de uso. Para isso, recorre-se a materiais de situações reais, tais como diálogos reais com ruídos e sotaques, jornais, bilhetes, panfletos, entre vários outros. Apesar de bastante moderna, essa abordagem pode ser entendida como preocupando-se apenas com o *como* apresentar a língua em diferentes situações, faltando *o que* apresentar, ou seja, não prevendo o recurso às descrições lingüísticas.

O livro *Bem-Vindo* aparece no mercado como uma proposta inovadora para o ensino de Português para Estrangeiros, com uma perspectiva interacionista e comunicativa. Tanto a língua oral quanto a língua escrita são trabalhadas. Na língua oral, são apresentados os diferentes graus de formalidade, sendo enfatizada, no entanto, a norma padrão.

São trabalhadas as diferentes situações em que o aluno estrangeiro possa se encontrar. O livro é dividido em grupos e cada grupo possui quatro unidades. Ao

final de cada unidade encontramos noções gramaticais, como, na página 10, a conjugação de alguns verbos no presente do indicativo. Na mesma página, há uma observação atentando para o uso do pronome *tu* que só “é usado em algumas regiões do Brasil”. Que regiões são essas? E se esse aluno viajar para o sul do país ou para o Maranhão, por exemplo? Como fica o uso do *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa encontrado no Rio de Janeiro? Se a ênfase está na comunicação, por que não situar esse aluno? Percebemos que as lacunas se repetem, surgindo mais problemas para os professores e estudantes.

Interagindo em Português é o livro mais recentemente lançado no mercado. Sua proposta é mais inovadora que o livro anterior, “Nossa experiência com ensino de línguas tem nos mostrado que, para que exista interação com nossos alunos, nós devemos vê-los como nossos interactantes (e não como interlocutores, por excelência). Como se trata de uma situação de sala de aula, com seus objetivos muito claros, para que essa interação se dê, efetivamente, é necessário que exista um elemento que motive, que faça com que alunos e professora interajam” (apresentação). Serão trabalhadas a linguagem verbal e a não-verbal (gestos e olhares). Os elementos motivadores são apresentados através de atividades que possuem “características e objetivos próprios, além de enfatizar questões variadas, voltadas para as preferências individuais dos aprendizes (atividades dedutivas e indutivas)” (Idem).

Também com este livro, porém, é necessário que se registre: se ele aborda os diferentes graus de formalidade, por que em nenhum momento foi mencionado o pronome *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa do singular? E a forma de tratamento especial típica do carioca *cara*? Não seria marca da cultura brasileira, visto que o contexto político e sócio-cultural será destacado?

Alguns livros comunicativos procuram ser autônomos na aprendizagem da nossa língua, isto é, acreditam que as explicações apresentadas são suficientes para o entendimento por parte do aluno. Porém, normalmente, o aprendiz não alcança o sucesso. Por enfatizar a interação, muitas explicações ficam sem ser dadas, estando nas mãos dos professores fazê-las.

B1E: *É que não explica a gramática. Te dá um exemplo, uma conversa, uma lista de vocabulário, mas não explica a estrutura da gramática muito bem. Eu acho! Supões que você já sabe a gramática.*

Nos Estados Unidos, dentre os vários materiais didáticos para o ensino do português que circulam no mercado, escolhemos analisar dois que, como afirmamos anteriormente, fazem parte do material utilizado no curso de português de Brown University. São eles: *Português Básico para Estrangeiros* e *Para a frente!*.

O livro *Português Básico para Estrangeiros* tem como objetivo:

[...] o ensino da língua portuguesa de um modo interessante, prático, eficiente e rápido. As diversas unidades foram elaboradas visando a evolução da aprendizagem, através do aumento gradual do nível de dificuldade do vocabulário e das noções gramaticais. Tudo isto é realizado dentro de um contexto relacionado com o interesse imediato do aluno, enfatizando o aspecto familiar, social e profissional, proporcionando assim desde o princípio a oportunidade para diálogo e conversação. (p. 10)

No prefácio, o livro mostra-se preocupado com o contexto, mas no índice gramatical, dentre os vários tipos de pronome que serão apresentados, o tratamento no Brasil não é citado como capítulo.

No capítulo chamado “cumprimentos”, as formas de tratamento aparecem contextualizadas como no escritório, no restaurante, na rua, na escola ou no banco como um padrão, juntamente com o pronome *você*. No entanto, os alunos nativos não costumam chamar os professores pelo título *Professor (a)*, como no exemplo dado na página 20: “Muito prazer, professora. Eu sou estudante de português”; já que, neste caso, não fica claro se é um aluno estrangeiro ou um aluno nativo que está conhecendo a sua professora. Se este é um livro que procura dar “ao aluno o conhecimento da cultura e da vida do povo brasileiro” (p. 10), fica faltando uma característica fundamental da cultura brasileira: a tendência à proximidade.

Outro problema encontrado é a ausência dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular: *teu* e *tua*. Entretanto, o pronome oblíquo *te* aparece como uma variante para o pronome pessoal *você*: “Eu encontro você no banco. = Eu te encontro no banco” (p. 66). O pronome oblíquo *contigo* é apresentado como *com* mais *tu* (p. 63). Todavia, o pronome *tu* não fora anteriormente apresentado, deixando uma lacuna para o aluno: como o que seria esse pronome *tu*?

Os pronomes pessoais são apresentados ao final da décima primeira lição: “eu, ele, ela, você, nós, eles, elas, vocês, o senhor, a senhora” (p. 108). Quanto ao pronome *tu*: “Há também o pronome *tu* muito usado no Rio de Janeiro e outras partes do Brasil e também de Portugal” (Idem). A autora não distingue, porém, o

pronome *tu* mais flexão verbal de segunda pessoa do singular do pronome *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa do singular. Como depois dessa observação é apresentada a conjugação dos verbos estudar, escrever e abrir (*tu estudas, tu escreves e tu abres*), parece que há uma unidade quanto ao uso do *tu*: apenas com a flexão verbal de segunda pessoa do singular.

Mais uma vez, as formas de tratamento ficam descontextualizadas e fora da realidade da cultura brasileira, como chamar a professora em sala de aula por “Dr. Lúcia” (p. 35), mesmo quando a mesma, no mesmo diálogo, apresenta-se pelo primeiro nome: “Eu sou Lúcia. Eu sou professora de português. Eu sou brasileira...” (Idem). As formas de tratamento especiais também foram omitidas, talvez por não serem consideradas padrão. Nesse caso, quais seriam as formas de tratamento padrão? A solução para tais lacunas recairia, obviamente, na maneira como o professor conduzisse o uso do livro didático.

Para frente! é um livro que trabalha tanto a cultura brasileira quanto a portuguesa. Como é um livro para o nível intermediário, pressupõe-se que o aluno já possua um conhecimento básico da língua portuguesa. Propõe-se que, em dois semestres, o aluno possa desenvolver seu vocabulário, a habilidade escrita, a gramática, a habilidade oral e a leitura. “With very few adjustments, we feel that *Para a frente!* may be used successfully regardless of the particular language and cultural orientation of the teacher” (to the reader, p. ix).

Os pronomes *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* são apresentados na “Lição preliminar”, especificando como é usado no Brasil e em Portugal. Por exemplo:

	Brasil	Portugal
you (familiar)	você	tu
you (polido)	o senhor	você

Como é um livro com uma edição mais antiga (1991), não é trabalhado o pronome *tu* mais flexão verbal de terceira pessoa.

Com esse tipo de descrição, o livro não dá conta das misturas pronominais que ocorrem na língua portuguesa falada no Brasil, tais como o uso dos pronomes possessivos de segunda e terceira pessoas do singular, bem como os pronomes oblíquos de segunda e terceira pessoas do singular. As formas de tratamento também não são trabalhadas. Não há observações sobre o tratamento pelo

primeiro nome. Os exemplos aparecem nos diálogos, mas a preocupação permanece na estrutura da língua e não no uso dela.

No capítulo 9: “Pontos de vista”, página 231, há um texto de Rubem Braga “O senhor”, em que serão trabalhados os pronomes e as formas de tratamento. A iniciativa é muito boa, mas o texto poderia estar mais bem contextualizado, como em um dos capítulos iniciais. Sendo assim, o capítulo nos quais os pronomes de tratamento foram trabalhados ficaria mais detalhado e abrangente.

P3C: *Lá nos Estados Unidos eu nunca, nenhum livro falou “tu”, nenhum livro falou “tu”!*

Observamos, portanto, que todos os livros analisados apresentam lacunas a serem resolvidas pelos professores. Até que ponto vale adotar, realmente, um livro didático? É claro que reconhecemos a inexistência de um livro didático perfeito, mas a quantidade de falhas encontradas faz com que, na maioria dos casos, elaboremos um novo material didático a partir de atividades montadas para preencher essas lacunas.

P4E: *Eu tinha um livro de português para estrangeiros que eu trouxe dos Estados Unidos, mas realmente o livro não é muito bom. Não existem muitos livros bons para estrangeiros, eu acho.*

P4G: *É!*

P4E: *Porque minha faculdade está com muitos problemas assim, todos os anos tentando achar um livro que seja melhor, mas nunca acha.*

O modelo Focus-on-Form surge como uma nova proposta de ensino/aprendizagem de segunda língua. Pretende-se trabalhar a língua em comunicação, usando a pragmática e a metodologia comunicativa, associadas a uma base descritiva envolvida nesta interação. Por exemplo, podemos ver no depoimento abaixo como as formas de tratamento podem ser trabalhadas:

Pr2: *[...] É mas quando eu trabalho com o nível dois, eu introduzo essas formas, eu procuro mostrar como de fato nós usamos no dia a dia as formas de tratamento, trazendo experiências, diálogos, ou às vezes entrevistas, como as pessoas utilizaram essas formas de tratamento, e tento explicar que há diferença eh:: de acordo com a relação que você tem com o outro.*

O problema neste método pode surgir na maneira com a qual o professor abordará a gramática, que como afirmam Dought & Williams (1998),

permanecendo como um tabu ou acima de tudo. As autoras advogam que noção de forma precisa partir do contexto, e não isolada dele.

Pr1: *Olha, eu acho que é uma... quer dizer... (5) Eu eu procuro evitar no no caso de usar isso com os estrangeiros com os estrangeiros... porque é:... teoricamente, tá lá na gramática normativa que isso é um erro. Mas na verdade eu até uso, eu já me peguei já me peguei usando DIVERSAS vezes! Eu antigamente eu dizia “não eu não uso, isso é horrível isso é horrível isso é horrível!”, e quando eu parei pra prestar a atenção, eu vi que eu usava isso direto, sem problema nenhum! Então eu acho que na verdade isso... até eu precise rever o meu meu posicionamento em relação a NÃO marcar isso com os meus alunos. Porque na verdade é usado mesmo, então porque não marcar, né!? Acho que é importante pensar nisso.*

Pr5: *Terrível!! Ah:: terrível porque afinal de contas o “tu” tem a sua própria conjugação, eu não sei porque (risos) as pessoas fazem isso. Ah:: me dói os ouvidos, acho terrível e:: por isso também eu deixo muito claro aos alunos que eles vão ouvir isso nas ruas do Brasil, mas que não é de forma nenhuma a maneira correta de falar português, escrever português ah:: não é bom português!*

Alguns professores evitam abordar o pronome *tu* em sala de aula, a fim de ensinar o “bom português”. Qual é o conceito de bom português? Seria aquele apresentado nas gramáticas normativas? Não estariam aqui confundindo língua falada e língua escrita?

Pr5: *No meu caso ah:: porque sou brasileira, eu não apresento o “tu”. Eu digo que existe obviamente e não deixo completamente de lado, ou algo assim. Isso no primeiro ano! No primeiro ano a gente trabalha “eu, ele, ela, você, nós, eles, elas e vocês”, mas não trabalhamos com o com o “tu”. Ah:: por uma série de razões. Um porque não é tão utilizado no Brasil, apesar do “tu” ser uma coisa regional no Brasil, ah:: mas também isso eu digo aos alunos, mas eu digo isso mais no segundo ano do que no primeiro ah:: o “tu” é mal utilizado, então eu digo para eles que muitas pessoas usam o “tu”, mas com por exemplo a conjugação do “você”, ah:: que já virou até em certas partes do sul do Brasil onde se usa o “tu”, já virou uma coisa comum da língua, ah e que no nosso caso eu quero ensinar o bom português para eles. Ah:: então não usamos o “tu” e eu digo para eles que no Brasil eles podem perfeitamente sobreviver sem usar o “tu” ah:: portanto eu não me preocupo muito com isso. Às vezes temos alguém com descendência portuguesa etc, que preferiria usar o “tu” e obviamente que eu deixo em sala de aula, nos exames se for o caso...*

Entrev.: *Você fala o “tu” com segunda pessoa...*

Pr5: *Sim! Sempre da forma correta em termos gramaticais, Não poderia usar o “tu” com a conjugação do “você”. Isso jamais!! (risos)*

Quando ignoram o uso da língua, não apresentando o pronome *tu*, os professores tendem a moldar a aprendizagem do aluno estrangeiro:

Entrev.: Que tipo de pronome você usa mais em sala de aula, o “tu” ou “você”?

B1A: “Você”.

Entrev.: “Você” mesmo... Por que?

B1A: Porque é isso o que eu aprendi.

Entrev.: E você?

B1B: Eu também, o “você” sempre porque eu não conheço o “tu”. Os professores no PUC não ensinaram o “tu”.

Esse tipo de preconceito lingüístico por formas não-padrão da língua portuguesa faz com que a aprendizagem do aluno fique moldada, moldando também sua identidade lingüística, conforme vimos no capítulo anterior.

Pr5: *Eu não acho que dificuldade ah necessariamente, em outras palavras eu acho que eles entendem perfeitamente o que está ocorrendo em volta deles, não é por causa do “tu” do uso do “tu” ou do “você” da conjugação de um ou de outro que eles vão deixar de entender, eles podem deixar de entender por outras razões. Mas ah:: eu acho que para eles para eles é estranho. Ah:: por mais que a gente diga aqui em sala olha acontece viu, quando eles chegam eu acho que para eles é não é um choque porque de certa forma eles foram preparados neste sentido, mas é um pouco assim “puxa vida, realmente é assim que falam”. Ah então eu acho que não chega a representar uma dificuldade, às vezes pode ser uma dificuldade na volta que eles estão falando o português que estão falando nas ruas né, ah eles voltam falando isso aquilo em sala de aula, e a gente tem que dizer NÃO “mas todo mundo fala assim!” (risos) Então você entra um pouco naquela, mas dificuldade mesmo isso isso eu não creio.*

Neste caso, não se trata de os alunos entenderem ou não o que os nativos estão falando. Trata-se de todo um processo de interação social, onde estão envolvidas as suas próprias faces e a face do outro participante, que pode ser o(a) diretor(a), o(a) professor(a) ou um amigo, em uma universidade. Esse fato é um dos que contribui para o grande número de ocorrências de marca zero durante o ato comunicativo.

O que pretendemos neste capítulo não é apresentar uma proposta de ensino para os pronomes e as formas de tratamento, e que requeriria toda uma outra pesquisa, com uma proposta teórico-metodológica mais específica. Nosso objetivo foi mostrar e comprovar como os livros didáticos e as metodologias de ensino adotadas por alguns professores podem e influenciam o aprendizado e, conseqüentemente, a construção da identidade dos alunos de Português como

Segunda Língua, particularmente no que diz respeito ao uso dos pronomes e formas de tratamento.